

COMO OS *CHUNKS* FACILITAM O APRENDIZADO DO VOCABULÁRIO DA LÍNGUA INGLESA

Fátima Matte¹

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo verificar a importância da aprendizagem de chunks (multi-palavras) para a aquisição de vocabulário na Língua Inglesa, com base nos pressupostos teóricos de Lewis e Richards. A pesquisa, que envolveu o estudo de verbos preposicionados, colocações e expressões idiomáticas, contou com a participação de quatro alunas de Ensino Médio. As participantes foram submetidas a um teste inicial envolvendo chunks, seguido de quatro aulas abordando os conteúdos do teste e um pós teste, na última aula. O resultado indica que o estudo de blocos maiores de palavras é eficiente para facilitar a aquisição do vocabulário de Língua Inglesa.

PALAVRAS – CHAVE: Aquisição de vocabulário. Chunks. Experiências de sala de aula.

ABSTRACT: The aim of this study was finding out the importance of learning chunks of language for English vocabulary acquisition, based on Lewis and Richards theoretical assumptions. The research involved the study of multi - words, phrasal verbs, collocations and idioms, always inserted in a context. The research was developed with the participation of four high school students who were submitted to a test involving chunks. After that, they attended four classes tackling the test contents, and a post test, in the last class. The result indicates that studying groups of words is efficient to facilitate English vocabulary acquisition.

KEYWORDS: Vocabulary acquisition. Chunks. Classroom experiences.

“É só apertar play que liga.”

Quando você adquire um eletrodoméstico ou aparelho eletrônico, indiretamente entra em contato com algum vocabulário da língua inglesa: *power*, *play*, *pause*, *on*, *off*, *standby*, *press...*

“Dá *pause* que preciso tomar água e não quero perder nenhuma cena do filme.”

Sabemos para que servem os comandos do aparelho de um DVD, mas, se perguntados sobre a tradução de uma das palavras acima, nem sempre esta

1 Graduada em Letras Português / Inglês e respectivas literaturas, Pós-Graduada em Linguagem, Ensino e Tecnologia

está clara em nossa mente. Essas palavras isoladas fazem parte do vocabulário da língua inglesa que aprendemos sem pensar em aprender a língua como um todo, mas contribuem para a aquisição da mesma. Se eu sei que ao apertar no botão do *power* meu aparelho irá ligar, e sei os resultados que obterei apertando alguns outros botões básicos para o uso do aparelho, já posso dizer que sei como manuseá-lo.

Após vários contatos com uma palavra, nós a memorizamos e conseguimos resgatar o seu significado quando necessário. E para o uso de um aparelho, são suficientes. No entanto, quando essas mesmas palavras aparecem com outra palavra, com um grupo de palavras ou inseridas em um texto, a compreensão do seu significado se torna mais difícil, e muitas vezes impossível, para quem tem apenas o conhecimento de alguns vocábulos isolados da língua.

As experiências que temos tido com o ensino da língua inglesa nas escolas, nos mostram que não podemos partir do pressuposto de que ensinando palavras isoladas e regras gramaticais, nossos alunos se tornarão capazes de aprender e se comunicar em uma língua estrangeira. Tendo presente essas considerações, o objetivo do presente trabalho foi investigar como os *chunks* facilitam o aprendizado do vocabulário da Língua Inglesa.

Estabelecendo relações entre as palavras

De acordo com Lewis (1996), o segredo para adquirir fluência em uma língua estrangeira está na quantidade de itens lexicais que temos armazenado no nosso léxico mental, bem como na capacidade de recuperar estes termos da memória, com rapidez, na comunicação. Este arquivo de palavras permite identificar automaticamente a palavra ou expressão que desejamos utilizar ao falar ou escrever - produção, e/ou ao ouvir ou ler um texto - recepção.

Ainda, fluência nada tem a ver com o conhecimento das regras gramaticais e muito menos com a memorização do conteúdo dos livros didáticos tão frequentes nos cursos de língua inglesa. Não faz sentido para o aluno decorar listas de palavras isoladas, mas aprendê-las em um contexto, com palavras que as acompanham. Isso implica em mais chance de retenção na memória. De acordo com Richards (1994), o significado das palavras é definido através de suas relações com outras palavras, e é compreendendo estas conexões que chegamos ao seu entendimento.

Muitas são as queixas sobre a desmotivação dos alunos para realizarem as atividades propostas pelos professores, os quais se angustiam na tentativa de cativá-los para desenvolver a estruturação lógica do raciocínio, despertar e estimular o desejo para aprender Inglês.

Lewis (2000) aponta como uma das soluções para este problema, ou seja, a proposição de atividades para a aprendizagem de *chunks - extensões* da língua, os quais envolvem *collocations* (palavras que normalmente “andam juntas” na língua), *phrasal verbs* (verbos formados por um verbo mais a partícula adverbial e *idioms* (expressões idiomáticas).

Na verdade, somente aprendemos alguma coisa quando conseguimos fazer uma relação com conhecimentos prévios sobre o assunto em questão. Segundo

Scapini (1997), extensões maiores da língua facilitam o aprendizado de associações. O ensino envolvendo as **relações interlexicais sintagmáticas, pragmáticas e esquemáticas** é de fundamental importância na aquisição de vocabulário, pois palavras não existem isoladamente. De acordo com Tagnin (1989), as **relações interlexicais sintagmáticas** envolvem a relação entre os elementos de uma frase ou texto. Para falar de determinadas esportes, nem sempre é possível empregar-se o mesmo verbo como... *I play volleyball*, but *I go riding* and *I go swimming*. Já as **relações interlexicais paradigmáticas** envolvem a relação com outros termos que possam ocupar o mesmo lugar na frase, como sinônimos, antônimos, merônimos e hiperônimos. Conforme Scapini (1997), as **relações interlexicais esquemáticas** referem-se ao conhecimento memorizado sobre um determinado assunto. A palavra *football*, por exemplo, desencadeia uma série de outras palavras ou expressões que se relacionam a ela, como: *field*, *ball*, *net*, *players*, *golkeeper* e outras, de acordo com o tipo de *game* que está sendo discutido e em que contexto o mesmo está inserido.

“Teacher, o que significa *game over*?”

Muitas vezes acontece que uma turma está estudando um texto que envolve jogos e, de repente, um aluno o interrompe com uma pergunta “Por que quando termina o jogo aparece escrito *game over*? Essas são oportunidades preciosas as quais devemos aproveitar para explorar o vocabulário, não de forma isolada, mas fazendo as possíveis relações com a expressão *game over*. De alguma forma este aluno está realizando relações lexicais. O que é *game*? Como dizemos jogar um game; iniciar um game? Que outras expressões podemos formular a partir de *game over*? Se dizemos simplesmente *game*, não estamos falando que queremos “jogar”. É preciso que se use *I want to play a game*. Pode-se utilizar palavras sinônimas, como *The game finished*. Este momento oportuniza o aprendizado de *chunks*, listando exemplos, como *Can I play a game?* no quadro para os alunos registrarem. Questionar sobre o conteúdo do jogo e acrescentar novas expressões permitirá que o aprendiz saiba o vocabulário utilizado no jogo e continue fazendo novas relações.

Mas o que significa dar ênfase ao vocabulário? Não podemos nos iludir pensando que aprender palavras soltas e fazer os alunos copiarem listas de vocabulário é o suficiente. Durante as aulas com alunos da faixa etária de 4 a 10 anos ouço frequentemente perguntas relacionadas aos jogos eletrônicos, como “Teacher, o que significa *war*? Esta palavra sempre aparece no meu jogo.” Questiono sobre o que é o jogo e explico que uma mesma palavra pode ter mais significados, dependendo do contexto em que se encontra. Pensamos em outras palavras ou blocos de palavras que podem fazer parte desse jogo, e indiretamente, refletimos juntos sobre a língua inglesa. Além disso, quando se fala de um assunto que é do interesse da criança, sempre há colegas que têm o mesmo jogo e lembram de mais palavras. Nesses momentos entra a questão dos *collocations*.

No momento que surge uma palavra composta como *overfishing*, é possível aproveitar o termo para fazer relações sintagmáticas. Por exemplo: *over* com *fishing* e *over* com *dose*, *overdose*, e relações paradigmáticas como com a palavra *overweight*.

Outro aspecto importante é que a aprendizagem com sucesso está relacionada diretamente com motivação. O vocabulário encontrado em jogos, sites e aparelhos da tecnologia da informação motiva porque professores e aprendizes podem ter certeza que a linguagem que estão praticando é moderna, usada em situações do dia-a-dia, dirigida a situações em que provavelmente se encontrarão inseridos. Esta linguagem, muitas vezes estudada através de *corpus* lingüístico, é encontrada em conversas reais, filmes, rádio e programas de televisão, jornais, livros, textos da internet, e revistas. Não é uma linguagem artificial ou inventada, mas consiste nas palavras, frases e expressões mais usadas.

Para Richards (2000), o vocabulário é essencial para a aprendizagem e a comunicação. E nenhuma gramática ou outro tipo de conhecimento lingüístico pode ser utilizado no discurso sem a mediação de vocabulário. Entretanto, vocabulário e expressões lexicais podem sustentar uma grande quantia de comunicação mais simples sem o suporte de outros aspectos do sistema lingüístico. Portanto, a compreensão da natureza e do significado do conhecimento de vocabulário, numa segunda língua, necessita desempenhar um papel muito mais importante na base do conhecimento dos professores de língua estrangeira.

O autor ainda sugere que aprendizes de uma língua precisam aprender o máximo de palavras logo que seja possível. Sabemos que aprender e conhecer palavras é um processo gradativo, que pode levar vários anos de aprendizagem, pois conhecer uma palavra significa muito mais do que identificá-la na forma escrita ou falada. É preciso saber usá-la adequadamente, de acordo com a situação, pronunciá-la, saber com quais palavras é possível empregá-la, conhecer suas diferentes conotações, lembrá-la quando a situação o exigir, entre outros aspectos.

Aprendendo “nacos” da língua

De acordo com Lewis (1996), em contraste com palavras individuais, há centenas de milhares de itens lexicais, multipalavras, cada um reconhecido por ter uma existência independente. Os dois grupos mais importantes de itens lexicais são as colocações e as expressões fixas. Como exemplo do que foi citado, temos as expressões idiomáticas. Conforme Tagnin (1989), na linguagem do dia-a-dia ocorrem formas peculiares e contrastes acentuados entre a língua portuguesa e a língua inglesa. A dificuldade surge sempre que nos defrontamos com uma expressão idiomática (*idioms*), que são comuns tanto no inglês quanto no português. São expressões que não têm qualquer semelhança com as formas usadas na outra língua para expressar a mesma idéia. Existe correspondência no plano da idéia, mas não da forma. Por exemplo, “pegar leve com alguém” é ‘*go easy on somebody*’.

As expressões idiomáticas ou *idioms*, depois de conhecidos, são fundamentais para quem deseja aumentar a compreensão da língua inglesa. Quanto mais *idioms* você conhecer, maior será o seu entendimento. Conhecer uma grande quantidade de expressões idiomáticas e empregá-las adequadamente demonstra que a pessoa apresenta um bom nível de conhecimento da língua, uma vez que a língua é “viva”, e constantemente surgem novas palavras e expressões.

Lewis (1996) descreve *collocations* (colocações) como a forma que palavras individuais co-ocorrem com outras. Os pares de palavras que podem co-ocorrer são, obviamente, quase em número infinito. De acordo com McCarty (1995), a relação da colocação é fundamental no estudo do vocabulário; compara esta relação a um “contrato de casamento” entre palavras, e afirma que algumas palavras apresentam um vínculo mais forte entre elas. Este é um princípio de organização importante no vocabulário de qualquer língua. Como exemplo, o autor cita a forte relação entre *blond* e *hair*, pois ao utilizar a palavra *blond* dificilmente estamos falando de outra palavra além de *hair*. Conforme o teórico, as línguas estão repletas de pares que se colocam com mais força, e, por essa razão, a “relação de colocação” merece ser um aspecto central no estudo do vocabulário.

Para Sarmiento (2008), colocação refere-se à forma na qual duas ou mais palavras são tipicamente usadas juntas na língua. Como exemplo, apresenta que usa-se *heavy rain*, mas não *heavy sun*, pois no contexto citado, *heavy* é colocado de *rain*, ou *heavy* e *rain* são colocados. A autora faz referência à célebre frase de Firth, apud Sarmiento (2008), “*You shall know a word by the company it keeps*” (Você conhecerá uma palavra pelos seus acompanhantes), que mostrou ao mundo da lingüística a importância dos estudos descritivos da linguagem, e, de modo especial, a importância das colocações de uma palavra, de forma a conhecê-la. Acrescenta que as colocações habituais das palavras são simplesmente os acompanhantes desta palavra.

Segundo a autora um dos mais importantes usos das informações – colocações obtidas em um *corpus* lingüístico² é ressaltar os diferentes significados de uma palavra. Uma mesma palavra pode ter diferentes significados de acordo com o contexto que ela é utilizada. A lista de colocados contribui na compreensão do significado das palavras envolvidas. Vejamos os diferentes significados da palavra *mean*: “Do you know what I mean?” (Você sabe o que eu quero dizer?); “You know how much Jane means to me.” (Você sabe o quanto a Jane significa para mim.); “Don’t be mean!” (Não seja mesquinho!). *Mean* também pode significar meio termo, média na matemática ou médio como adjetivo.

Para Sarmiento (2008), as colocações podem ajudar a organizar o contexto em padrões principais, dos quais podemos nos utilizar para conhecer como a língua se comporta, bem como, quando e como utilizar palavras específicas no texto. Isso contribui para a identificação de expressões idiomáticas e combinatórias, além de diferenciar entre os significados de uma única palavra ou ainda determinar a variação de características sintáticas.

Para McCarten (2007), apud Sarmiento (2008), encontrar as colocações de verbos não lexicais, como *have*, *get*, *make* e *do* é de especial importância. Quando apresentados sozinhos, esses verbos não parecem possuir um significado (lexical) próprio, entretanto, ao se colocarem com outra palavra, passam a ter um significado

² Um Corpus é uma coleção de textos, escritos ou falados, normalmente guardados em um banco de dados do computador.

específico. O verbo *make*, por exemplo, assume um significado diferente em cada uma das seguintes expressões; *make a cake*, *make a decision* e *make fun of*. Dessa forma, é importante ensinar esses verbos juntamente com seus colocados, ao invés de tentar identificar e distinguir significados básicos que, em alguns casos, pode ser difícil ou até mesmo impossível. Também há a classe dos *phrasal verbs* ou *two-word verbs* em inglês, que não existem em português, e que compõem-se de um verbo seguido de uma partícula adverbial.

De acordo com Tagnin (1989), tanto livros didáticos quanto dicionários especializados por vezes ainda confundem preposição com a partícula adverbial nesse tipo de coligação, elencando verbos preposicionados como se fossem *phrasal verbs*. As preposições são elementos de ligação e, no caso de verbos preposicionados, ligam o verbo a um objeto, como no caso de *depend on* ou confiar em. A autora complementa que, no caso dos *phrasal verbs*, o verbo e a partícula formam uma única unidade lingüística, podendo ou não ter um objeto, objeto este que pode vir precedido de preposição, conforme a regência do *phrasal verb*: *He finally gave in.*; *He gave away his old clothes.* Alguns *phrasal verbs* são separáveis, isto é, o objeto pode ocorrer entre o verbo e a partícula adverbial, principalmente se for um pronome, como vemos no exemplo *give away*: *He gave his clothes away.*

Lindstromberg e Boers (2009), em seu artigo “Teaching Chunks of Language”, comentam que o domínio de *chunks* ajuda os estudantes a produzirem expressões idiomáticas de forma natural como acontece com falantes nativos. O aluno com um bom conhecimento de *chunks* da língua inglesa produzirá expressões como “Let’s have a drink.” em vez de dizer “Let’s drink a glass.” ou “make an effort” em vez de “do an effort”.

É preciso aprender a usar as palavras em seus mais variados contextos, em conjunto com outras palavras (colocações possíveis). Além disso, é necessário aprender as expressões mais comuns em que uma palavra aparece. Enfim, aprender vocabulário, de uma forma realmente eficaz e que faça sentido, deve ser uma preocupação de professores e aprendizes de língua inglesa.

Caminho percorrido

Para o desenvolvimento do estudo, foi escolhido um grupo de alunas da do município de Arroio do Meio, estado do Rio Grande do Sul. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu durante o período de férias e participaram do estudo 4 alunas voluntárias do 1º ano do Ensino Médio de uma escola particular. As alunas participaram de um encontro semanal durante o período de um mês. Cabe ressaltar que a pesquisa com *chunks* foi realizada com alunos que já apresentam uma experiência na aprendizagem da língua inglesa, já possuíam um conhecimento prévio de vocabulário, para desenvolver as atividades no nível pretendido.

Foram organizadas atividades que envolvem *chunks* em diferentes contextos e com diferentes técnicas e recursos da tecnologia da informação. No primeiro encontro com os alunos foi explicado o que são *chunks*, qual seria o objetivo da pesquisa e como esta se desenvolveria durante as aulas. As alunas foram submetidas

a um teste envolvendo expressões idiomáticas, frases para serem completadas com *phrasal verbs*, apresentados em um banco de palavras e um caça-palavras envolvendo *collocations*, de modo que as frases deveriam ser completadas com uma palavra que coubesse no contexto de cada uma. O teste foi realizado com o objetivo de verificar o conhecimento dos alunos em relação ao vocabulário que seria estudado durante a pesquisa.

Durante a realização da atividade envolvendo expressões idiomáticas, percebeu-se que a maioria das alunas apresentava dificuldades em compreender o vocabulário e tentavam traduzi-las literalmente. E a dificuldade em relação às outras atividades também foi bem expressiva, pois elas diziam que não sabiam o significado das palavras.

O segundo encontro, iniciou-se com um levantamento de *chunks* conhecidos pelas alunas, seguida de uma dinâmica utilizando-se da mímica para expressar os *phrasal verbs* que já eram conhecidos pelas alunas (*stand up, sit down, pick up, put down, put away*). Foi um momento de descontração, mas ao mesmo tempo de reflexão; como uma mesma palavra como *put* pode mudar de significado de acordo com a sua acompanhante. Naquela oportunidade as alunas também fizeram um levantamento de outros *phrasal verbs* contendo o mesmo verbo, porém mudando de sentido de acordo com a preposição que o acompanha, como *come back* (voltar), *come in* (entrar), *come up* (subir). Outras atividades incluíram a leitura de um texto com gravuras e instruções para o uso de aparelhos eletrônicos, com a análise e levantamento do vocabulário empregado no texto, de modo especial, *collocations* e *phrasal verbs*. Para oportunizar o *input* (ampliação do vocabulário), foi realizada uma pesquisa com o auxílio do dicionário, com a finalidade de verificar outras expressões similares ou relacionadas àquelas encontradas nos textos, bem como o contexto em que são empregadas.

Na etapa seguinte, foi lido e explorado um texto que continha vários *phrasal verbs* para o estudo do vocabulário e compreensão do texto. Para favorecer a memorização, foram desenvolvidos exercícios de completar frases e textos lacunados, atividades orais, encenação de pequenos diálogos, empregando o vocabulário sobre instruções para o uso de aparelhos eletrônicos, produção de frases utilizando os *chunks* aprendidos em aula e exercícios de relacionar palavras com seus significados.

Como culminância da pesquisa foi realizada uma avaliação oral e escrita para verificar o quanto ficou retido durante o estudo. Para a avaliação oral, cada aluna simulou a apresentação das instruções do uso de um aparelho eletrônico, utilizando uma gravura ou o aparelho feito com sucata. Em seguida, as alunas foram submetidas ao mesmo teste escrito realizado na primeira aula.

A experiência com adolescentes

Os resultados do experimento foram gratificantes. As alunas que apresentaram de 4 a 6 acertos no primeiro teste, ficaram com a média de 24 acertos no último teste e a aluna que teve 14 acertos no primeiro teste, acertou todas as questões no teste final. As mesmas ficaram admiradas com a quantidade de

vocabulário que aprenderam nessas poucas aulas. Os resultados obtidos confirmam os postulados de autores como Lewis(1996), Richards(1994), Tagnin(1989) e McCarthy(1995), quanto a importância da aprendizagem de *chunks* na aquisição do vocabulário da língua inglesa.

Com alunos de diferentes faixas etárias percebo que a maior dificuldade apresentada durante as aulas está na compreensão daquilo que estão lendo, ou seja, no vocabulário. Alunos de séries mais avançadas dizem que entendem a ordem dos exercícios envolvendo o uso da língua/ tópicos gramaticais, porém não conseguem resolver as questões. A pesquisa também alerta para a necessária mudança de foco nas aulas de língua estrangeira. Nos preocupamos em fazer com que os alunos aprendam a gramática, sem nos dar conta que antes disso ou junto disso é necessário dar mais ênfase ao vocabulário.

Na experiência com os adolescentes percebo que para eles é mais interessante aprender novas expressões da língua inglesa quando o interesse deles também vêm de vocabulário envolvendo jogos e filmes, pois quando perguntam pelo significado, utilizam expressões e não só palavras soltas. E é isto que autores como Lewis (1996) preconizam: a importância do ensino de vocabulário em blocos maiores da língua, para facilitar o seu resgate no momento de escrever ou falar.

Lindstromgerg e Boers (2009) afirmam ser um grande desafio para os professores, ajudar os estudantes a aprender muitos *chunks*. Para muitos alunos, aprender e lembrar palavras isoladas já é muito difícil, e lembrar dos *chunks* exige ainda mais. Nesse sentido, os autores sugerem novas maneiras para uma pessoa aprender e lembrar um *chunk* suficientemente bem para usá-lo na sua comunicação:

O *chunk* precisa ser percebido. (professores podem favorecer isto de várias maneiras: Ex., destacando os *chunks* e usando-os como alvo em atividades de completar lacunas de um texto, oferecendo-lhes uma lista de *chunks* para completá-lo).

O *chunk* deve ser compreendido: não basta simplesmente dar o significado da expressão, é necessário que se faça relações com outros exemplos e em diferentes contextos.

Os *chunks* registrados na memória precisam ser reforçados.

Seu controle/registro deve ser mantido ao longo do tempo e reforçados mais tarde. (por esse motivo, para os estudantes lembrarem bem os chunks, revisar e exercícios extras é essencial) (LINDSTROMGERG E BOERS, 2009, p. 16).

Acredito que o método aplicado durante a pesquisa é eficaz para a aquisição de *chunks*. Percebeu-se o quanto é importante a questão das colocações para o uso e compreensão da língua inglesa. Ao trabalhar com frases lacunadas, as alunas tiveram que descobrir qual a palavra que combinava naquele contexto. Os *phrasal verbs* desencadearam a descoberta de novas palavras que possuem o mesmo verbo, porém acompanhados de outra preposição. Em relação às expressões idiomáticas, penso que poderia ter trabalhado mais. Acredito que ao lerem ou ouvirem as expressões trabalhadas, as alunas lembrarão do seu significado, porém não sei se lembrariam de empregá-las.

A experiência vivida através dessa pesquisa, ainda que tenha representado uma gota d'água em um oceano com inúmeras possibilidades, ra demonstra a importância do estudo de *chunks* na aquisição do vocabulário para a aprendizagem e na comunicação da língua inglesa.

REFERÊNCIAS

BOERS, Frank & LINDSTROMBERG, Seth. **Teaching Chunks of Language**. New Rotes,Disal: 2009.

LEWIS, Michael. **The Lexical Approach: The State of ELT and a Way Forward**. Londres: LTP, 1996.

McCARTHY, Michael. **Vocabulary**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

RICHARDS, Jack. **The Context of Language Teaching**. Cambridge University Press: 1994.

_____. **Making Sense of Words**. In Revista English Teaching Fórum, volume 42, 2000.

SARMENTO, Simone. **O uso dos verbos modais em manuais de aviação em inglês: Um estudo baseado em corpus**. Porto Alegre: 2008

SCAPINI, Isabel K. **Associações Interlexicais: Contribuição para um dicionário remissivo**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1997

TAGNIN, Stella Ortweiler. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

